



Foto de [Jakub Žerdzicki](#) na [Unsplash](#)

A universidade no streaming: como garantir a sustentabilidade das TVs universitárias na era do CDN

As TVs universitárias enfrentam novos custos e dependências ao migrar para o streaming e para o uso de CDNs. Sem apoio público e soluções colaborativas, correm o risco de perder autonomia e relevância. Sustentabilidade exige políticas, infraestrutura e modelos coletivos de distribuição.

Por Prof. Dr. Francisco Machado Filho

A televisão está mudando — e rápido. O modelo tradicional de radiodifusão, baseado na lógica “um para muitos”, já não é mais suficiente para dar conta de um público que consome conteúdo sob demanda, em múltiplas telas e com expectativa de interatividade. No Brasil, essa transformação ganha força com a chegada da TV 3.0, que combina transmissão aberta com conectividade via internet.

Essa evolução é positiva e necessária. Ela amplia possibilidades, melhora a experiência do usuário e aproxima a televisão das dinâmicas contemporâneas do consumo audiovisual. No entanto, como toda mudança estrutural, também traz desafios — especialmente para as emissoras universitárias, que historicamente operam com recursos limitados, mas desempenham um papel estratégico na comunicação pública.

O ponto central dessa transformação está na mudança do modelo de distribuição. No sistema de televisão aberta ou na TV por Cabos, um único sinal alcança milhões de pessoas simultaneamente, sem aumento relevante de custo por espectador. Já no streaming, cada acesso individual demanda recursos de rede, processamento e entrega de dados. Em outras palavras: quanto maior a audiência, maior o custo.

É nesse contexto que entram as redes de distribuição de conteúdo, as chamadas CDNs (Content Delivery Networks). Elas são fundamentais para garantir que vídeos sejam entregues com qualidade, sem interrupções e com baixa latência, mesmo para grandes audiências. Na prática, as CDNs replicam o conteúdo em servidores distribuídos geograficamente, aproximando-o do usuário final.

Mas essa eficiência tem um preço — e ele é significativo. O uso de CDN envolve custos recorrentes, geralmente proporcionais ao volume de dados trafegados. Para grandes plataformas comerciais, isso faz parte do modelo de negócio. Para emissoras universitárias, porém, representa um enorme desafio.



Foto: [Freepik](#)

Diferentemente das redes comerciais, as TVs universitárias não operam com foco em lucro nem contam com receitas publicitárias robustas. Sua missão é pública: produzir e difundir conhecimento, cultura e informação de interesse social. Ao migrar para o ambiente digital, essas emissoras passam a enfrentar uma equação delicada: ampliar alcance significa também ampliar custos.

Além da CDN, entram na conta a necessidade de servidores, armazenamento, desenvolvimento de plataformas, equipes especializadas e infraestrutura de conectividade. Trata-se de uma mudança que não é apenas tecnológica, mas econômica.



Foto de [Vitaly Gariev](#) na [Unsplash](#)

Diante dessas limitações, muitas emissoras recorrem a plataformas privadas — redes sociais, agregadores de vídeo ou serviços de streaming. Embora essas soluções ampliem a visibilidade, elas trazem novas dependências. O conteúdo passa a ser mediado por algoritmos, sujeito a regras comerciais e, muitas vezes, sem garantia de distribuição equitativa.

Esse cenário levanta uma questão central: como garantir a sustentabilidade das TVs universitárias em um ambiente cada vez mais orientado por lógica de mercado e infraestrutura privada?

A resposta passa, necessariamente, por soluções coletivas e por políticas públicas. Iniciativas colaborativas, como plataformas compartilhadas entre emissoras, mostram que é possível reduzir custos e ganhar escala. Ao unir esforços, as TVs universitárias podem construir alternativas mais sustentáveis, mantendo autonomia sobre seus conteúdos.

Ao mesmo tempo, é fundamental que o poder público reconheça o papel dessas emissoras no ecossistema da comunicação. Isso significa criar condições para sua permanência no ambiente digital — seja por meio de subsídios, seja pela oferta de infraestrutura pública, como redes de distribuição de conteúdo acessíveis ou modelos híbridos integrados à TV 3.0.

A própria arquitetura da TV 3.0 abre uma oportunidade importante nesse sentido. Ao combinar broadcast e broadband, ela permite explorar o melhor dos dois mundos: a eficiência da transmissão aberta e a flexibilidade da internet. Para as TVs universitárias, esse modelo pode representar um caminho viável, desde que haja garantias de inclusão.

O risco, caso contrário, é claro. Sem apoio estruturado, as emissoras universitárias podem ser empurradas para a periferia do sistema audiovisual, reduzidas a produtoras de conteúdo dependentes de terceiros para distribuição. Isso significaria uma perda significativa para a diversidade informativa e para a comunicação pública no país.

Por outro lado, se bem conduzida, essa transição pode fortalecer essas emissoras, ampliar seu alcance e potencializar seu impacto social. A tecnologia, nesse caso, deixa de ser uma barreira e passa a ser uma aliada.

O desafio está posto. A sustentabilidade das TVs universitárias na era do streaming não será garantida apenas por inovação tecnológica, mas por escolhas políticas, modelos colaborativos e reconhecimento institucional. Mais do que adaptar-se ao novo cenário, trata-se de garantir que a comunicação pública continue tendo espaço — e relevância — no futuro da televisão.



Foto de [Detail.co](#) na [Unsplash](#)



Francisco Machado Filho

é graduado em Comunicação Social Habilitação Rádio e TV - Faculdades Espírito Santense (1999), mestrado em Comunicação pela Universidade de Marília (2006) e doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2011). Atualmente é professor assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Rádio e Televisão, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação e tecnologia, convergência, internet, TV Digital e modelo de negócios. É Vice coordenador do Grupo de Pesquisa Televisão e Televisualidades da Intercom, Diretor da TV UNESP, e Presidente da ABTU.

Contato: francisco.machado-filho@unesp.br